

mutações do laço social o novo nas parcerias

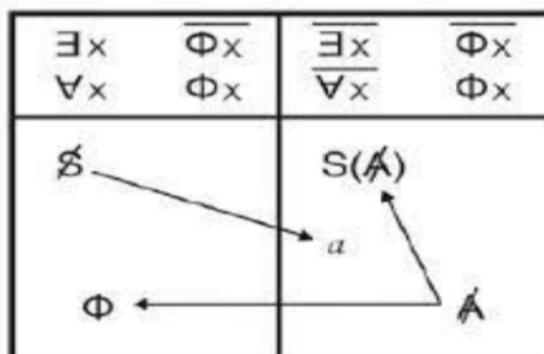
XXIV
Jornada
EBP-MG
{fora de série}

Bem-dizer o “não-toda”: uma resposta analítica às loucuras no amor

Marcela Normand

Ao investigarmos sobre os amores loucos, mais especificamente, sobre as loucuras femininas no campo do amor, deparamo-nos, quando nas neuroses, com o estilo erotomaniaco do amor. Tal noção nos foi apresentada por Lacan (1958/1998) em suas Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina e retomada, quatorze anos mais tarde, em seu Seminário 20: Mais, ainda (Lacan, 1972-73/2008).

Santiago (2004), ao comentar sobre o lado feminino da sexuação, atenta para uma sutileza que pode ser lida no uso lacaniano da notação \mathcal{A} . De acordo com o autor, Lacan, em sua famosa tábua, escreve a divisão do sujeito distintamente para o lado masculino e para o lado feminino. Ou seja, quanto à posição feminina, Lacan não usa mais a notação $\$$, e sim \mathcal{A} . Desse modo, com a escrita do \mathcal{A} , além de demarcar que \mathcal{A} mulher não existe, Lacan postula a duplicidade fundamental constitutiva de uma mulher – já que seu gozo é constituído pela vertente fálica ($\mathcal{A} \rightarrow \phi$) e pela vertente suplementar [$\mathcal{A} \rightarrow S(\mathcal{A})$]. Ressaltamos, assim, à luz de Santiago, que o \mathcal{A} não é somente barrado, é também dividido entre as duas vertentes do gozo feminino.



Recuperado de Lacan (1972-73/2008, p. 84)

Ainda com o auxílio da tábua da sexuação, podemos pensar a erotomania como uma posição em que o sujeito feminino fica de uma forma “toda” no gozo não-todo fálico. Isto é, a posição erotômana no amor testemunha a primazia da vertente suplementar do gozo feminino, em que a mulher não se encontra amparada na divisão de seu gozo – ou, dito de outra forma, ela permanece “toda não-toda fálica”. Como resultado dessa tentativa de prescindir do falo (sem, contudo, dele se servir), o sujeito feminino fica à mercê do ilimitado; o qual, ao retornar sobre o sujeito, empurra-o a beira da loucura.

Logo, a realização da posição feminina consiste em uma mulher colocar-se de maneira “não-toda” em ambas as vertentes de seu gozo; sustentando-se, justamente, a partir de sua divisão. Nas palavras de Fuentes (2012): “Nem toda fálica e nem toda outra para si mesma” (p. 145).

Assim, concluímos que para não se fixar na erotomania enquanto uma posição enlouquecedora no amor, uma mulher deve não-toda se posicionar em seu gozo suplementar. É, em última instância, um consentimento radical com o não-toda: incluir-se não-toda em seu gozo não-todo. Eis, portanto, a nossa aposta: o “não-toda não-toda” como resposta analítica às loucuras, de uma mulher, no campo do amor.

Referências

- Fuentes, Maria Josefina. (2012). *As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino*. Belo Horizonte: Scriptum.
- Lacan, Jacques. (1958/1998). *Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina*. In Vera Ribeiro (Trad.), *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques. (1972-1973/2008). *O Seminário*, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar.
- Santiago, Jesús. (2004). *Nuevos modos de goce: sexuación masculina y sus alcances en el final de análisis. Sexuacion feminina, clínica del estrago*. Córdoba: CIEC.